

João Bosco faz show no Teatro de Arena da UnB

Um grande show de música brasileira marca o encerramento da programação artística pela Constituinte, integrada no Ciclo de Debates promovido pela UnB, hoje, às 18h30min no Teatro de Arena, com a participação de vários artistas e/ou grupos da cidade e com a participação especial do cantor/compositor João Bosco. Os artistas brasileiros que farão esta assembléia constituinte de música brasileira são: o Regional da Escola de Música de Brasília, a música sertaneja de Roberto Correa, Chico Rei e Paraná; o grupo de Música e Câmara da UnB; a música erudita/popular do grupo Invoquei o Vocal; a Brasília Popular Orquestra juntamente com a cantora Zélia Cristina.

O Regional existe há três anos, é formado por vários professores da Escola de Música de Brasília, e tem feito apresentações esporádicas. O grupo toca música popular em geral, mas principalmente choro e valsa. A escalção (Nivaldo (flauta) Manoel (clarineta), Paulo André e Jaime Ernest Dias (violões), Ronaldo (Cavaquinho), Nonato (Percussão) e Tony Botelho (contrabaixo). A formação erudita da turma enriquece o trabalho de arranjos em cima dos elementos do choro. E quem vai também chorar pelos dedos é o Trio Roberto Correa, Chico Rei e Paraná. Roberto Correa realizou um intenso trabalho sobre as origens e as possibilidades expressivas da chamada viola caipira. A Brasília Popular Orquestra é formada por professores, alunos da Escola de Música e músicos espalhados pela cidade. É uma orquestra tipo big band e ataca de música brasileira em cima do estilo do jazz. A cantora Zélia Cristina puxa o canto junto à Brasília Popular Orquestra. O Invoquei o Vocal é um coro cênico, uma tentativa síntese entre música erudita e música popular, recursos de encenação e arranjos vocais. Itmar

Assumpção viu, gostou e convidou o grupo para participar de seu último show na Escola-Parque. Bem, o mestre de cerimônias da constituinte brasileira não poderia ser outro: Macunaima. Ou seja, o próprio: o ator Grande Otelo.

E, para o cantor/compositor João Bosco, a campanha pela Constituinte tem toda uma carga simbólica. Não é só a carta constituinte que precisar ser reescrita. É o País todo que precisa mudar, é o País todo que precisa ser reescrito. Em relação especificamente aos músicos, não existe nada que regule os problemas da classe. "As leis que estão aí não funcionam e foram desmoralizadas pelos últimos anos, de governos autoritários. É preciso limpar isto tudo para a gente respirar uma coisa nova". João Bosco está apostando tudo em novos tempos, está mergulhado nos problemas da criação e da identidade cultural. Não como uma questão intelectual, mas como algo que pulsa no sangue, repercute na batida do seu violão: desde o seu último disco, **Gagabirô**, o trabalho de João Bosco tem um toque diferente: "Eu estou redescobrimo esta coisa na raça. Esta coisa de você se tocar que tem sangue negro, sangue índio. Só o fato de você jogar este lance de raça na cultura já é uma coisa forte. Você compra uma briga feia. É puro estímulo à criação. Porque nos últimos anos a gente esteve muito sufocada pelo grande inimigo político. Agora, a questão das minorias vai pintar com a maior força. Acabou aquele papo generalizador e abstrato sobre o Brasil. Estou interessado em saber como a música africana, a música caribenha, entram no morro, entram pelas velas do urbano. Se democracia areja a política é claro que areja também as artes. Estou embarcando nesta de corpo inteiro". (Severino Francisco)

ANC 88
Pasta Nov/Dez 85
054